



Exposição
Colectiva



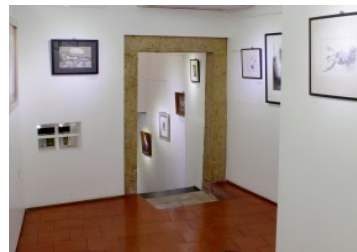
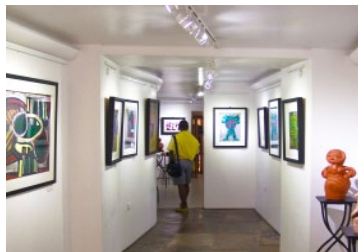
Aniversário da
Perve Galeria
Alfama

15 de Março
a **12** de Abril
2014

Perve
Galeria



Alfama



Imagens de algumas das exposições patentes na Perve Galeria ao longo de 2013.

14

Aniversário da
Perve Galeria
Alfama

No momento em que assinalamos o 14º Aniversário, apresentamos na Perve Galeria de Alfama e na Casa da Liberdade – Mário Cesariny uma exposição coletiva que pretende sintetizar um pouco daquilo que foram estes anos de intensa atividade artística.

A presente mostra integra um núcleo central que perpassa retrospectivamente as exposições realizadas no decurso do último ano, dando um destaque muito particular à inauguração da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, que abriu finalmente as suas portas.

Este foi um ano de reconversão e amplificação não apenas de espaços mas igualmente de opções estéticas e curatoriais, que permitiu estruturar e sedimentar novos caminhos.

A mostra assinala também, simbolicamente, 14 anos de edições artísticas da Perve Galeria, que soma já mais de 150 títulos lançados e aos quais se juntou este ano o 1º Volume de uma obra monumental de Isabel Meyrelles que agora se expõe com destaque: "Poéticas Pós-Pessoa -

Antologia do Surrealismo e suas derivações em Portugal".

De destacar ainda a participação na Feira de Arte de Lisboa 2013, no Congresso Internacional "Surrealismo(s) em Portugal" organizado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou internacionalmente, na India Art Fair 2014, com grande sucesso, revelando além fronteiras a obra verdadeiramente global de João Garcia Miguel, artista da galeria.

"O gosto muda, claro que muda. Mas não é mudo. Vai dizendo de si a quem o queira ouvir. De preferência, quer fazer-se ouvir junto do portador e irrita-se se o não consegue. De tal maneira que o próprio, portador do gosto, dá consigo num beco sem saída onde o esperam agruras várias, que podem vir sob a forma de cutelo ou simples comichão, se não atende ao que o gosto lhe vai dizendo. O gosto pode ser chato e até ter chatos, pode ser um gosto derivado de outro gosto. Mas enfim, há muitos e variados gostos e, nestes, alguns há estruturais, que não mudam ou mudam muito pouco. Talvez na percepção, talvez na forma, no encantamento que perdem ou ganham ao olhar do próprio e dos outros, consigo." Escrevi isto e não foi publicado, por ocasião do 10 aniversário da Perve Galeria. Reencontro-o hoje e percebo qual o sentido fundo do que havia escrito e como é pertinente a sua publicação agora, numa data que não é redonda mas que é importantíssima para nós, na medida em que nos fomos envolvendo num movimento de cidadania, ainda sem resolução ou final, que pretende impedir a alienação de um importante espólio artístico que ficou na posse do Estado Português, por via da nacionalização de um criminoso Banco Português de Negócios. Falo



de 85 obras de Joan Miró e, mais do que a sua venda implica no que diz respeito ao património artístico e cultural, do que se passará a seguir, caso esta venda prossiga, em termos da proteção da herança patrimonial dos povos ocidentais e desenvolvidos. É que este caso concorre para abrir um horrível precedente que permitirá que qualquer governo aliene coleções de arte sem qualquer pudor. Daqui resulta a importância deste aniversário e de assinalarmos este momento onde o futuro se decide. Onde o momento é de "decisão". Como diria Malangatana num dos seus mais monumentais quadros, "Guerrilheiros: Momentos de decisão".

Carlos Cabral Nunes

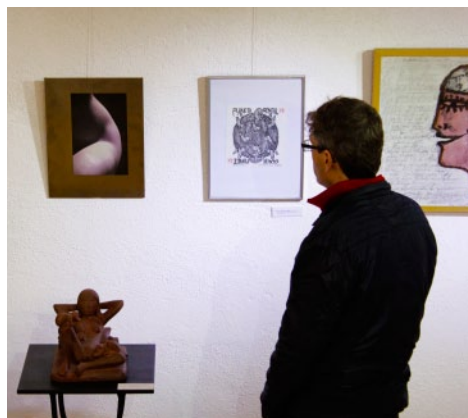
15 de Maio a 22 de Junho de 2013

EROS

EXPOSIÇÃO DE ARTE ERÓTICA
COLEÇÃO DR. JORGE ROCHA MENDES

A Perve Galeria abriu as portas ao fascinante mundo de Eros, dando a conhecer uma coleção relevante, dedicada ao tema, que foi sendo desenvolvida ao longo de 25 anos por um prestigiado clínico português, o Dr. Jorge Rocha Mendes.

O interesse repartido entre medicina e arte, conduziu o Dr. Rocha Mendes à constituição de um muito interessante espólio temático, cobrindo vasta extensão geográfica e temporal, que reflete a visão de várias civilizações em torno do erotismo e da sexualidade.

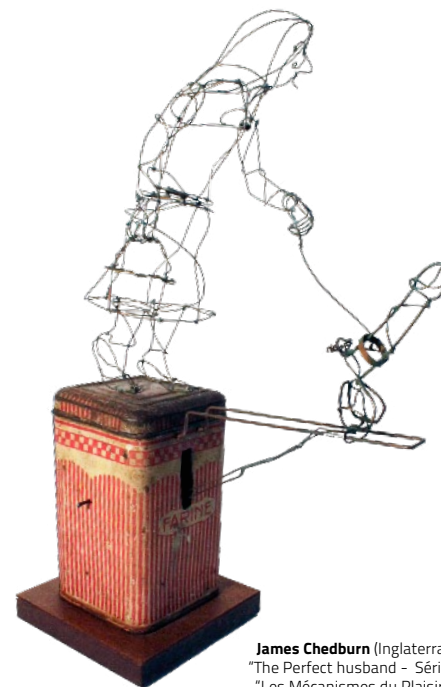


A coleção tomou forma ao sabor de aquisições proporcionadas pelas viagens do seu mentor, que aliou ao pensamento humanista com que a arquitetou, o gosto do exotismo das "câmaras de maravilhas" e dos "gabinetes de curiosidades" quinhentistas, onde predominava uma multiplicidade de raridades e objetos invulgares que traduziam uma visão particular do mundo.

Dotada de uma surpreendente diversidade, esta coleção – onde "cada peça é uma história de amor com diversos significados" – foi nesta exposição, complementada com obras que abordam o tema provenientes dos acervos nacional e internacional da Perve Galeria.

A exposição EROS apresentou-se repartida por 3 núcleos temáticos: Arte Contemporânea, Arte Moderna e *Ars Mundi*, este último contendo um número considerável de obras ditas "primitivas", extra ocidentais. Os outros 2 núcleos eram compostos por obras que traçavam um percurso, na contemporaneidade e na modernidade, respetivamente, que ia da fotografia, à escultura passando pela pintura e pelo objeto, todo o conjunto se

compondo em torno de temáticas invariavelmente ligadas ao erotismo nas suas múltiplas vertentes e seguindo critérios ditados pelo gosto e pela perceção do colecionador: do corpo, como objeto de desejo, à fertilidade, ao voyeurismo, aos mitos, fantasias e à expressão popular de pendor libertino e trocista.



James Chedburn (Inglaterra)
"The Perfect husband - Série
"Les Mécanismes du Plaisir"
Escultura animada em arame
41x28cm 2001 - RM10



JORGE ROCHA MENDES, nascido em Fafe, uma terra no coração do Minho, rumou a Lisboa aos 17 anos para frequentar o curso de Medicina e durante estes 50 anos não mais regressa às origens.

Na grande cidade vai integrar-se mal, retira proveito da grande oferta cultural e de um grupo restrito de amigos, investindo tudo na concretização de objectivos muito precisos: primeiro um curso que adora, depois a formação de uma família enquanto luta por uma especialização, finalmente a liberdade de procurar alguns caminhos que lhe trazem grande satisfação: entender os mecanismos das doenças e tratar as pessoas, sempre numa perspectiva humanista e despojada de grandes ambições materiais; mais tarde, ter folga para conhecer mundo, perceber outras realidades, cultivar a relatividade das coisas, interessando-se por áreas como fotografia, estética e as artes decorativas.

Por motivos profissionais encaminha muita da sua busca para os problemas da sexualidade e as manifestações do erotismo e seus mecanismos são definitivamente motivo de estudo e pesquisa, voltando-se para as suas manifestações na Antropologia e nas Artes e é no norte da Índia que encontra inspiração para iniciar o ajuntamento de objectos que pouco a pouco vão dar lugar ao núcleo central de uma colecção.

Assim, esta colecção de Arte Erótica vai-se fazendo ao sabor de aquisições mais ou menos aleatórias, proporcionadas pelas viagens mas, mais importante que isso, vai moldando um pensamento e uma atitude e transforma-se em objecto de estudo e enriquecimento interior de extrema importância.

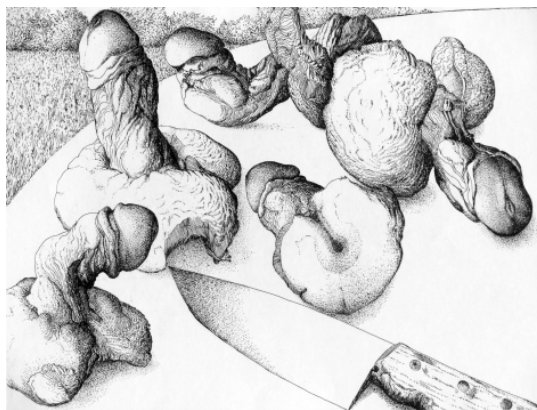
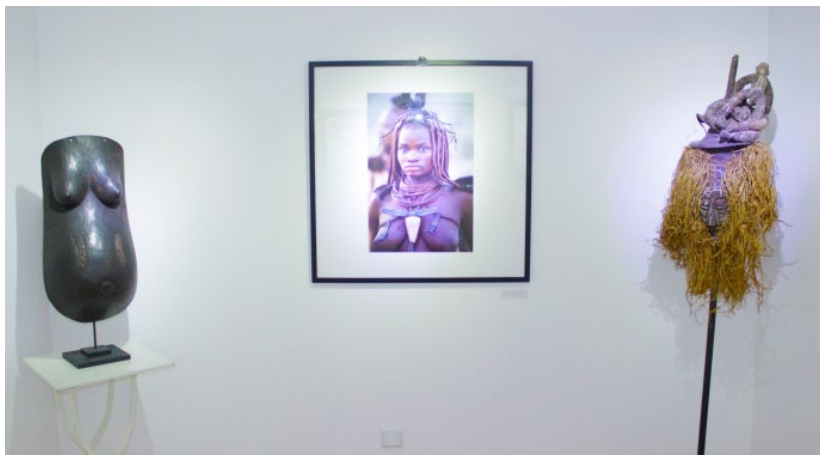
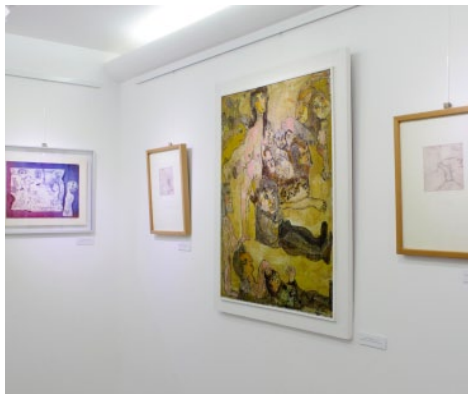


Ceratti "Sem título" aguarela s/ papel 28x11,5 cm 1998 - RM28

O passo seguinte foi o de partilhar conhecimentos e objectos, abrindo aos outros o pequeno e fascinante mundo que o colecionador habita: cada peça é uma história de amor com diversos significados, alinhada ao lado de outras, pode fazer conjuntos coerentes e remeter para um conhecimento mais profundo da natureza dos homens ao longo dos séculos enquanto nos faz de certeza pessoas melhores. Esta magia e o bem-estar que proporciona é o contrário do colecionador avaro das suas peças, que as quer para seu gozo, único e pessoal.



Jorge Pé-Curto
Recém Casados
segundo Alfredo Bedoya
Pasta de papel patinada
42x35x17cm 2012 - JPC13



Gunter Grass (Alemanha) "Sem título" - Gravura 30/100 50x50cm 1978 - RM32



João Cutileiro
"Sem título"
Escultura em
Bronze 3/8
6x16x5.5cm
2002
RM342

27 de Junho a 27 de Julho de 2013

REal SURREAL

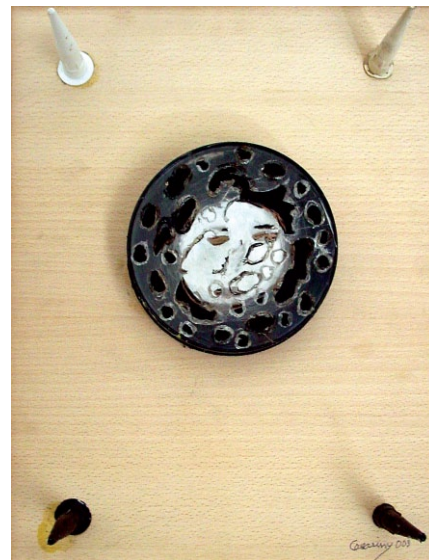


A exposição, **Real-Surreal**, aconteceu num momento importante no percurso deste projecto - a que chamamos Perve Galeria desde o ano 2000 - ao estrear um novo espaço, a Casa da Liberdade - Mário Cesariny, cuja construção nos tomou muita energia e dedicação, ao longo de 9 anos. Foi neste espaço, numa fase de pré-lançamento, que se apresentou o polo **Real** da exposição, abordando a 1ª exposição de "Os Surrealistas" e, em particular, a figura tutelar de Cesariny.

A **Casa da Liberdade - Mário Cesariny** abriu portas, oficialmente, a 2 de Novembro de 2014, para assinalar



os 7 anos volvidos sobre a exposição "Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco - e o passeio do cadáver esquisito", que a Perve Galeria realizou em 2006. Essa mostra assumiu especial relevância não apenas porque reunia obras dos 3 artistas (fundamentais na história do Surrealismo em Portugal) realizadas entre a década de 1940 e o ano da exposição - altura em que fariam um conjunto inédito de 12 *Cadavre Exquis* - mas igualmente porque acabou sendo a derradeira mostra de Mário Cesariny, que viria a falecer a 26 de Novembro desse ano.



Mário Cesariny "The mirror" Mista s/ madeira 30x50 cm 2001
CSY 3



Mário Cesariny "Autografia" Técnica mista s/ tela 51x60 cm
CSY 100

Cesariny, o Grande (Des)construtor

Se quisermos pensar em Mário Cesariny de Vasconcelos devemos figurar alguém que desconstrói, que baralha os dados, que nos deixa sem chão. Começou por si mesmo (como cabe aos heróis) e, num ritual exemplo de desmontagem do mundo, acabou dispensando o apelido paterno — trata-se de um sacrifício de amputação-libertação, como que uma cerimônia arcaica que o deixou livre para fazer aquilo que não era esperado fizesse: ser poeta e amar, vagar pelas cidades e gritar, olhar as linhas de águas do mar e pintar, pegar em objectos perdidos e dar-lhes um novo sentido.

São abundantes os exemplos visuais desta exposição que provam sem demora esta realidade. Embora a colecção



da galeria possua muitas obras dos tempos iniciais (anos 40 e 50) a cedência de muitas delas para a exposição que presentemente se realiza em Madrid (Círculo de Bellas-Artes/produção Fundação EDP) deixa-nos aqui, quase só, com obras recentes. Dessas obras dos primeiros anos de actividade pode logo dizer-se que são obras finais — porque a juventude só o é como longo caminho de respiração. Das obras mais recentes, muitas surgem enfeitadas de um alo de leveza e jovialidade.

Ambos os tempos transportam o segredo da maturidade, que não é alguma coisa que se alcance com esforço mas um sinal que nasce com alguns. A maturidade não é séria nem alegre, não é densa nem solta, pode viver em todas as dimensões de um trabalho humano, mas vive em muito poucos humanos — é a marca da sabedoria e da



Isabel Meyrelles
"O muro acordado"
Terracota pintada (folha de
ouro e prata) s/ madeira
33 x 14 x 20,5 cm
IM15



Cruzeiro Seixas "Um farol", Tinta da china s/ papel 47x44 cm
circa 80 - CS 85

alegria. Cesariny tem de tudo no seu corpo artístico: jocoso e épico, lírico e contestatário — poemas feitos de palavras simples e “assemblages” extremamente complexas, pinturas de uma só cor e linha e aquamotos onde tinta e água estabelecem redes de inextrincáveis texturas, colagens de subtis truques visuais e linguísticos e pinturas onde os símbolos se oferecem a uma leitura iniciática.

Cesariny apresenta uma obra que se faz dos rostos e corpos que se viram e que se imaginaram, que se perderam e que se quiseram. O desejado, como imagem ideal do amado (cavaleiro ou vilão, rei ou marujo); e do amigo que a passagem dos anos matou — como matou a cidade, os seus cafés, a sua poesia, os seus eléctricos...

João Lima Pinharanda



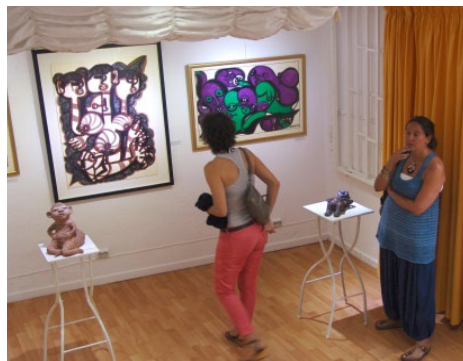
Imagens da pré-inauguração da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, com a participação de diferentes autores: Fernando Grade, Dorindo Carvalho, João Manuel Vieira, Carlos Zíngaro e João Garcia Miguel.

27 de Agosto a 21 de Setembro de 2013

ERNESTO
SHIKHANI



REINATA
SADIMBA

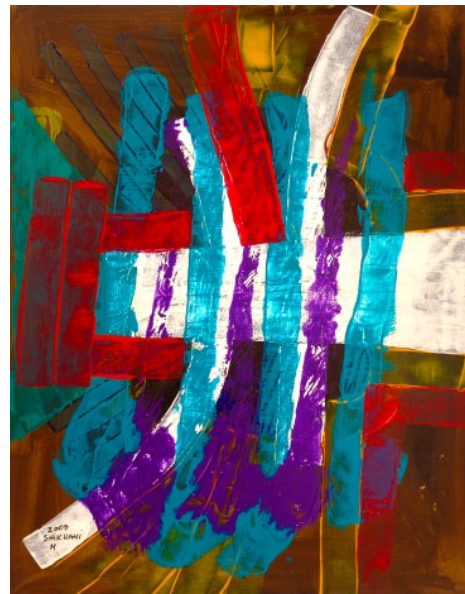


Numa altura em que a discussão acerca de “centros” e de “periferias” está na ordem do dia, também no campo das artes visuais, é cada vez mais consensual a importância das novas ideias e estéticas vindas da “periferia”. Diria mais: que é igualmente necessário ir atrás, à ancestralidade do pensamento e da criação urdida fora dos circuitos Ocidentais, do reinante consenso histórico, para se fundar uma nova ordem mundial, abrangente, justa, inequívoca.

Caminha-se para o abandono do denominador reducionista da centralidade Euro-Americana como fenómeno pungente de desenvolvimento e, neste



contexto, torna-se realmente importante mostrar África e as manifestações contemporâneas da sua diversidade: neste caso, a África que Moçambique encerra - e que é, seguramente, distinta da que existe nos outros países daquele gigantesco continente. Expor os seus artistas, especialmente os mais profundamente enraizados na sua herança cultural, os que foram capazes, partindo dessa matriz, de estabelecer uma outra via de criação artística, muitíssimo válida, contribuindo também para o surgimento de outras correntes e linguagens visuais no seu país, susceptíveis de sustentação num meio contemporâneo e internacional, muitas vezes tão hostil a quem não provém do centralismo Ocidental, é algo premente.



Ernesto Shikhanjani, Sem título - Técnica mista s/ papel
50 x 40 cm 2003 - S 231

Deste princípio, parte a noção de Olhar: a que consagra dois artistas, Ernesto Shikhanjani e Reinata Sadimba, como fundantes de uma África moçambicana que se afirma internacionalmente, afora todos os estereótipos, para se renovar sem cair na miríade, na tentação moderna, de fugir para paragens efêmeras em tecnologias e linguagens mutantes. É arte em suporte físico. É arte física, natural e espiritual. É arte feita laboriosamente, através da natureza desses olhares, que Shikhanjani e Reinata nos trouxeram para esta exposição, a dois, composta por obras penetrantes.

Reinata Sadimba

Sem título
Cerâmica
28x27x40 cm
2006 - R 88



Reinata Sadimba nasceu em 1945, na aldeia de Nemu (Planalto de Mueda, Província de Cabo Delgado, norte de Moçambique). Filha de camponeses, recebeu educação tradicional Maconde, que incluía o fabrico de objetos utilitários em barro (pratos, cântaros e afins).

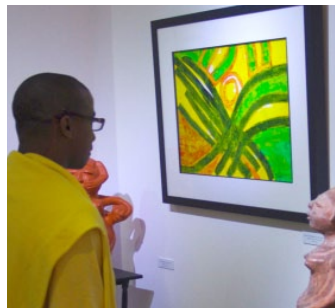
Em 1972, durante a luta armada, ingressa na FRELIMO. Em 1975, é abandonada pelo pai dos seus filhos, o que a força a ter de garantir, sozinha, o sustento da família. Nessa altura, segundo conta, "um sonho dita-lhe que inicie uma transformação profunda na sua cerâmica", até aí caracterizando-se pela simples produção utilitária. Começa então a ser procurada, em Cabo Delgado, por alguns estrangeiros que ouviam falar dessa mulher que produzia esculturas com "formas estranhas". Em 1978 passa à reserva da FRELIMO. Devido à guerra



Reinata Sadimba
Sem título
Cerâmica e metal
38x15x17 cm
2006 - R 069

civil e à ostracização a que é votada pela generalidade dos Maconde (por se dedicar, precisamente, à produção de esculturas artísticas, algo só permitido, à época, aos homens – que trabalhavam as suas obras, exclusivamente, em pau-preto) emigra para a Tanzânia, em 1980, onde permanece até 1992. Durante esse período, a sua obra obtém vasto reconhecimento internacional, por intermédio de um marchand de arte suíço que lhe compra centenas de obras e as exhibe em vários países.

A partir de 1993, fixa residência em Maputo, onde ainda vive e trabalha. Em 1998 realizou aí uma muito aclamada semana de ensino sobre cerâmica escultórica. A partir dessa altura e devido ao reconhecimento que o seu trabalho passa a ter no seu país, os Maconde reintegram-na como um dos seus.



Ernesto Shikhandi nasceu no dia 16 de Abril de 1934, na região de Muvesha, distrito de Marracuene, em Moçambique. Filho de camponeses, foi pastor até aos 16 anos. Faleceu em Maputo, no dia 31 de Dezembro de 2010.

Começou por dedicar-se à escultura, a partir de 1960, no Núcleo de Arte, tendo como mestre o escultor português Lobo Fernandes. Em 1963, torna-se assistente do Professor Silva Pinto, escultor na Escola Industrial Mouzinho de Albuquerque.

A primeira exposição em que participa data de 1968, em Matalana. A partir de 1970, começa a dedicar-se também à pintura. Recebe, em 1973, bolsa da Fundação Gulbenkian para realizar, em Portugal, uma primeira exposição individual. Durante vários meses, instalado em Lisboa, Shikhandi prepara a mostra, que irá decorrer no Estoril. Dado o caráter contestatário, veementemente revolucionário das obras expostas, a Fundação retira-lhe a bolsa e, por essa razão, vê-se forçado ao regresso extemporâneo a Moçambique, deixando à

guarda de amigos obras que integravam a mostra. Alguns desses trabalhos, nunca mais tendo sido expostos, foram afortunadamente resgatados e integrados na presente exposição.

A partir de 1976 radica-se na Beira, onde permanece vários anos. Aí, até 1979, orienta aulas de Desenho no Auditório-Galeria. Em 1982, recebe uma bolsa de estudo de seis meses para expor na, à época, URSS.

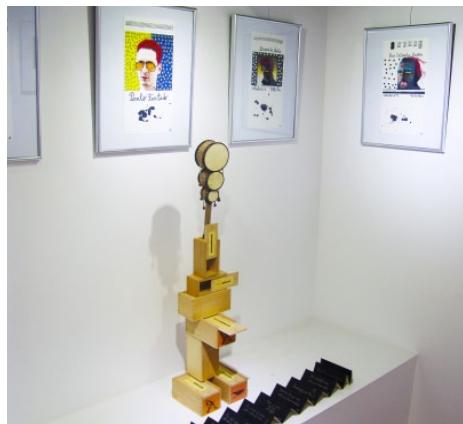
No início da década de 1990, regressou a Maputo, aí se fixando até ao final da vida. Realizou vários murais em baixo relevo na cidade da Beira e em Maputo. A sua obra está representada no Museu Nacional de Arte de Moçambique, na Culturgest, em Lisboa, no Centro de Estudos de Surrealismo - Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão, assim como em numerosas colecções públicas e privadas de vários países. Realizou várias capas de livros para a conceituada editora Climepsi.



Ernesto Shikhandi, Sem título - Técnica mista
s/papel 51x34 cm 2003 - S 229

Hate Music. Love Art

Exposição
antológica de
Vítor Rua



Intenso e deliciosamente provocador, **Vítor Rua** (VR) surgiu, nesta sua primeira exposição de caráter antológico, afirmando **"Hate Music. Love Art"**, o que nos faz recordar o título dado ao disco do seu duo "Telectu" editado em 1991, "Evil Metal". Em ambos os casos, o título mais do que inquietar contém uma mensagem subliminar que importa desvelar. Na contradição (aparente) que evoca, o autor parece sugerir como que uma desculpa para um desfecho indesejável que a rutura destes dois atos, no contexto da sua criação, possa representar para o público. Nada mais erróneo, esta leitura.

Sendo a sua obra multifacetada e interdisciplinar, o certo é que VR se tornou reconhecido sobretudo pela longa e

prolífica ação enquanto músico e compositor. Por isso, na declaração "Ódio à Música. Amor à Arte", aparentemente existe como que uma rutura com o seu percurso, como que para justificar esta sua incursão numa base distinta de tudo o que até então apresentou - a sua expressão eminentemente plástica, relegando para complementar a esta mostra a sua vertente (estruturante) musical. Serviria também, o manifesto que o título da mostra encerra, para sublinhar, de modo subtil, a importância que atribui à sua própria criação artística visual, a que chamaria "Arte", relegando para um outro plano (inferior) a música, pretensamente sugerindo não se tratar, afinal, também de uma categoria ou disciplina artística. Ora, precisamente por isto, aliado ao facto de VR ser um dos

mais reputados músicos do nosso tempo, o título só é contraditório na aparência, na medida em que ele, de fato, sempre se afastou da música enquanto manifestação de vacuidade, de ligeireza e comércio. O que VR buscou e essa é a sua essência, foi a Arte, nas suas múltiplas manifestações e cruzamentos. Arte, seja ela visual, musical, performativa ou de qualquer outra forma e disciplina, rejeitando por inteiro tudo o que possa afastar-se disso.

Em tudo o que faz, Vítor Rua procura a resolução definitiva que a Arte encerra. Uma obra de Arte é um caso à parte, de tudo o resto e foi a isso que o autor declarou o seu Amor, nesta exposição como em toda a sua vida.



Vítor Rua, Sem título - Técnica mista sobre tela
30x30 cm 2010 - VR 13



Vítor Rua e Sara Maia, So happy together
Técnica mista sobre papel 30x21 cm 2012 - VR 03



Vítor Rua,
"Vögel"
Homenagem a John Cage
Escultura em madeira e
papel 95x58x7 cm 2013
VR 12



Vítor Rua,
A urna
Vidro e madeira
24x21x21 cm
2012 - VR 11



“... a estrada começa ...”

Novembro tem sido, há vários anos, ocasião de evocações que têm vindo a aumentar em número e importância. Foi neste mês, a montagem da primeira exposição na Perve Galeria, no ano 2000. Passados 13 anos, inaugurámos a tão sonhada **Casa da Liberdade** – Mário Cesariny. Mas, especialmente, foi uma altura de relembrar gente-gente, pessoas de génio que partiram deixando um lastro tão intenso que perdurará para além de nós, para lá do tempo, pois que é Arte o que nos legaram – e que é a Arte senão o alcançar da intemporalidade dos gestos e da coisa criada, essa intangível metáfora do infinitamente presente, vedada ao comum mortal, que os Artistas superam? E estas evocações são especialmente importantes porque convocam a memória colectiva para o não apagamento do que é de relevo preservar para que se dê a correspondente inscrição na vida de hoje, de todos os dias que haja. Para memória futura mas também porque é nosso



(da esquerda para a direita) **Cruzeiro Seixas, Carlos Calvet e Isabel Meyrelles** presentes na inauguração da Casa da Liberdade - Mário Cesariny

dever respeitar o que de mais intimamente ligado a nós existe. Assim é Mário Cesariny. Assim é António Maria Lisboa. Desaparecidos de corpo, presentes na alma que a Obra legada desvela, como num jogo de espelhos, num “navio de espelhos” que já “não navega, cavalga”, “do princípio do mundo, até ao fim do mundo” (M. C.). Estes dois seres, que evocámos neste seu mês de partida física, deixaram-nos, por força da sua capacidade criativa, algumas das mais preciosas



sementes que detemos e que, ao longo dos anos, foram germinando em vários pontos deste mundo que habitamos e em autores de várias gerações continuam a germinar dando lugar a novas formas de expressão, novos sentidos para o que eles aqui inauguraram, estou certo. O problema já não é deles, nem da sua Obra. A questão não se pode colocar nestes termos, pois que independentemente do que fizermos, ela e eles continuarão existindo. Já nós, se os não evocarmos e se deixarmos sem nome as referências míticas que eles souberam criar, perderemos parte substancial da arma contra o desespero, das ferramentas de insubmissão, que eles nos souberam legar. Porque é disso que falo. “É às palavras-actos que me dirijo, não às palavras que supõem actos” (A. M. L.). É dessa matéria que se fez poema, reflexão, urgência, automatismo, pintura e despintura. Na Obra legada destes dois Artistas maiores, que o século XX trouxe, existe o mais fundo espírito libertário, libertador, que é capaz de tudo, de enfrentar tudo, para que se possa nascer de novo e viver com “a verticalidade e a chave” (A. M. L.).

No dia 2 de Novembro de 2013, assistístimos ao momento em que as portas da Casa da Liberdade – Mário Cesariny (CdL-MC) finalmente se abriram para, esperamos, não mais se fecharem. Este espaço foi acalentado, desde 2004, por mim, pelo Nuno Espinho da Silva, meu amigo antes de ser meu sócio, e pelo Mário, a quem deixei de chamar Cesariny por forçoso imperativo de amizade. Não será um lugar gigantesco, nem tampouco loquaz. É à nossa escala e capacidade.

Mas, “à parte isso”, queremos que haja ali espaço para “todos os sonhos do mundo”, parafraseando Fernando Pessoa (Álvaro de Campos). Dos vários dias que importava assinalar, nesse mês, escolhemos este porque nos trazia uma recordação feliz: há 7 anos inaugurávamos, na Perve Galeria, a exposição “Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco ... e o passeio do cadáver



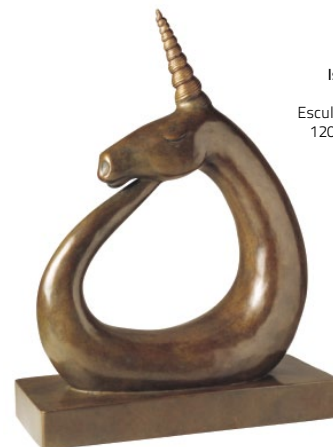
Carlos Cabral Nunes, director artístico dirige-se aos visitantes durante a inauguração.



Performance de João Garcia Miguel



Mário Cesariny Sem título, (Obra que integrou a 1ª Exposição "Os Surrealistas" em 1949) Técnica mista s/ cartão 47x60 cm 1948 - CSY 141



Isabel Meyrelles
A Licorne
Escultura em bronze
120x103,4x39,3 cm
2010 - IM26

esquisito", assim baptizada pelo Mário porque reunia os três artistas, fundadores de "Os Surrealistas" (1949), ao fim de 50 anos de afastamento, tendo por base a realização de 12 obras, feitas em processo colectivo, de Cadavre Exqui, que foram sendo por mim transportadas, entre as casas desses 3 artistas, ao logo de meses. O título da mostra acabaria por se revelar premonitório, na medida em que Mário Cesariny de Vasconcelos acabaria por falecer daí a poucas semanas, a 26 de Novembro. E a verdade é que pouco mais há de esquisito que ver um amigo e, mais ainda, um amigo genial passeando-se, já cadáver, pelas ruas, nesse dia de chuvas diluvianas, de "Lisboa-os-sustos" (M. C.) a caminho do cemitério que tem o nome mais profundamente delicioso para se morrer bem: dos Prazeres...



antologia poética, bilingue, português-francês tem o seu 1º volume dedicado à obra poética e plástica de "Os Surrealistas", tendo sido apresentada na exposição "A estrada começa", mostra inaugural da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, a 2 de Novembro de 2013, por Isabel Meyrelles, autora desta obra monumental, cujo trabalho envolveu mais de 30 anos de intensa pesquisa e tradução.

Este primeiro volume, lançado depois, no decorrer da exposição "Homenagem a Cesariny" inclui obras múltiplas em escultura e serigrafia de Cruzeiro Seixas e, na

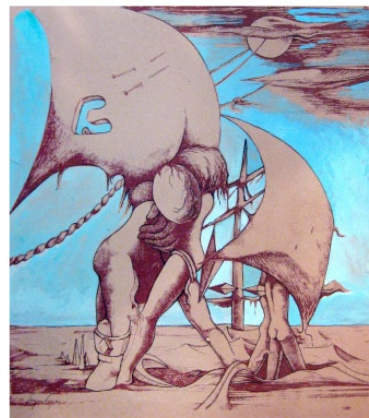
1ª tiragem, também de Carlos Calvet, autores pertencentes a "Os Surrealistas", que têm igualmente poemas seus integrados neste volume.

Trata-se de uma obra composta por 4 volumes, que irão sendo lançados trimestralmente, sob a forma de livro-objecto artístico, em edição assinada e numerada pelos autores e pelo editor, com 2 tiragens limitadas, respectivamente, a 35 e 150 exemplares.



18 de Novembro a 22 de Novembro de 2013

No sexagenário da morte de António Maria Lisboa, o CLEPUL, o IECCPMA e a Casa da Liberdade-Mário Cesariny promoveram um Congresso Nacional dedicado ao percurso do Surrealismo em Portugal, num debate que se estendeu dos precursores e influências nacionais e internacionais ao itinerário dos grupos surrealistas em Portugal; à discussão da relevância do termo "Abjeccionismo"; às heranças surrealistas em Portugal. Pretendeu-se com este Congresso dar o devido destaque ao movimento surrealista em Portugal, uma vez que nunca se lhe dedicara um evento desta magnitude. O Surrealismo é uma das mais importantes correntes de expressão artística e filosófica do séc. XX e uma das que mais fortemente contribuiu para as metamorfoses ocorridas na criação portuguesa contemporânea. Tendo sido introduzido em Portugal de forma organizada em finais da década de 40, o movimento surrealista conheceria entre nós uma expressão particular, que simultaneamente sincroniza os jovens poetas e artistas que lhe deram corpo com a problemática europeia coeva e com a expansão do Surrealismo por todo o mundo e lhe confere uma dimensão intrinsecamente portuguesa, muito devedora das condições culturais, sociais e políticas vigentes e da tradição poética e artística portuguesa. Essa dimensão intrinsecamente portuguesa do Surrealismo encontra também importantes ecos e repercussões na arte desenvolvida nas antigas colónias, possibilitando o diálogo artístico no espaço da Lusofonia. A peculiaridade do percurso surrealista em Portugal e das suas amplas heranças tem merecido particular atenção por parte de investigadores internacionais, o que contribui para a persistência cultural do impacto do Surrealismo, ainda hoje com grupos ativos um pouco por todo o mundo.



Programa Congresso Internacional **Surrealismo(s) em Portugal**

nos 60 anos da morte de
António Maria Lisboa

18 – 22 de Novembro de 2013

Fundação Calouste Gulbenkian
18 e 19 de novembro
Casa da Liberdade - Mário Cesariny
20 de novembro
Faculdade de Letras da Universidade
de Lisboa - Anfiteatro III
21 e 22 de novembro



Cruzeiro Seixas homenageado com a medalha de mérito, FCG



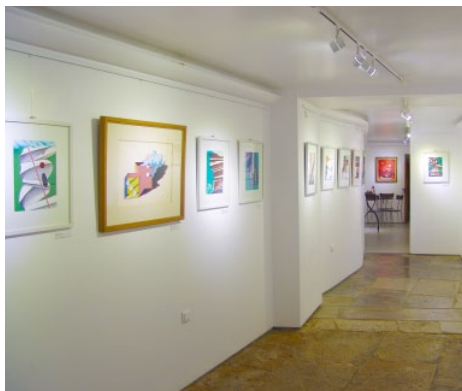
Eurico Gonçalves e Cruzeiro Seixas durante debate na
Perve Galeria



Foto de grupo na sessão de encerramento, Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

26 de Novembro a 21 de Dezembro de 2013

HOMENAGEM A CESARINY



No dia 26 de Novembro de 2013, passaram 7 anos sobre o falecimento de Mário Cesariny de Vasconcelos, poeta, artista, Surrealista - maior do que a nossa escala compreende. Tive a honra de me deixar ser seu amigo e, especialmente, de me tratar como se eu fosse um seu igual, o que era manifestamente uma enorme gentileza.

Ao longo dos anos em que nos encontrávamos com regularidade e até ao penúltimo dia da sua existência física, nunca deixou de me surpreender com a sua



imensa genialidade, capacidade criativa e alegria de viver, mesmo nos momentos mais difíceis. Prova disso foi a conversa que mantivemos, nesse seu quase derradeiro momento de existência e o facto de ter querido que lhe fizesse um retrato, onde aparece fumando, como que num gesto de afronta à morte próxima, querendo fazer-se acompanhar por uma sua obra emblemática, a Naniora, a sua boneca Poesia, onde se pode ler um fragmento do brilhante poema "Olho o côncavo azul", in Pena Capital.

*"Sou um homem
um poeta
uma máquina de passar vidro
colorido
um copo uma pedra
uma pedra configurada
um avião que sobe levando-te nos
seus braços que atravessam agora
o último glacial da terra."*



Isabel Meyrelles
Templário depois de
"Phillipe Le Bel"
Terracota pintada
28x11x14 cm
2013
IM35



Cruzeiro Seixas Sem Título Técnica mista s/ papel 35x25 cm 2009 CS94

Guardo muitas histórias-tesouros de que quero, partilhar umas poucas: quando me pediu para ir com ele "buscar" flores, no início da primavera, para substituir as que estavam na sua marquise e tinham morrido no inverno. Vasos de flores "emprestadas" de um hotel vizinho. Eu, que tinha vindo de moto, dizendo-lhe que me parecia difícil. Ele, que não havia problema. E os dois seguindo de motorizada. O Mário sem capacete, esbracejando, empunhado a bengala como se um rei indicando o caminho. Os carros a darem passagem, estupefactos.

Carlos Cabral Nunes

"... se o que fiz durante 93 anos de vida, tem algum sentido, isso se deve ao Cesariny ..."

Cruzeiro Seixas, Novembro de 2013





Carlos Calvet Sem título - Guache e colagem sobre papel 43,5x50 cm
1986 - CC38



Aldo Alcota Corporalidad comestible mental 10, Técnica mista s/bandeja de cartão 28x22 cm 2012 - ALC24



Mário Cesariny, Sem título - Técnica mista sobre madeira (mesa de viagem)
50x70 cm n.d - CSY16

21 de Janeiro a 1 de Março de 2014

ALBERTO registo(s) de viver PIMENTA

Propondo a redescoberta de um autor seminal das artes performativas e do experimentalismo em Portugal sob o prisma da sua insondada e valiosíssima produção plástica, a exposição Registo(s) de Viver de Alberto Pimenta assumiu a forma de homenagem ao autor, no momento em que assinalava 50 anos de uma carreira pautada pela abrangência de meios de expressão artística e pelo carácter crítico e irreverente.

É consensual que Alberto Pimenta é uma figura fundamental nos campos da poesia e performance, na intervenção, no pensamento e no experimentalismo, todavia pouco se sabe do seu (intenso e imenso) labor plástico.

“Registo(s) de Viver” propôs precisamente a redescoberta de Alberto Pimenta sob o prisma da sua valiosíssima produção plástica.

Irradiando a pluralidade de tão vasta obra, a mostra fez-se habitar de pinturas-colagem, poesia visual, poesia fonética, ficção, crítica, happenings e performances, entre os demais géneros artísticos que permitem distinguir Alberto Pimenta como um autor de uma diversidade consistente.



Julgo que quem quer que faça objectos de arte – com imagens, palavras, ou o que seja – esgota em cada um deles, de cada vez, tudo o que tinha para dizer, muito ou pouco, interessante ou menos, novo ou nem tanto.

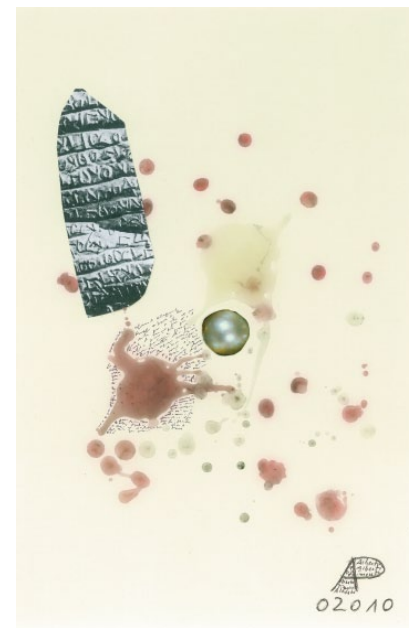
Qualquer acrescento, em termos de análise interpretativa, é um sobrejo, e para mais limitativo da liberdade individual de interpretação.

Outros que o façam – para si, ou uns para os outros – dizendo como lhes chegou a eles o que ali está, ao lê-lo ou ao vê-lo. É o que naturalmente fazem de tudo o que lhes chega de fora, seja discurso muito inflamado, ou frio e astronômico, sobre bolas rolantes, ou seja então político, sobre bolas que não rolam, só orbitam como a lua.

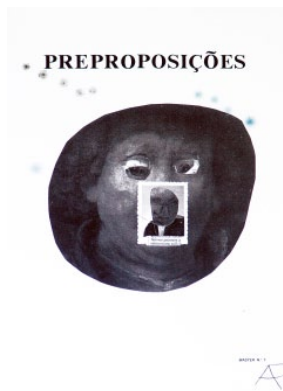
Alberto Pimenta



Alberto Pimenta visitando o núcleo mais documental em exposição na Casa da Liberdade - Mário Cesariny



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB110



Preproposições, colagem com discreta intervenção de pingos de cera, 32x22 cm 1986/2010 ALP219

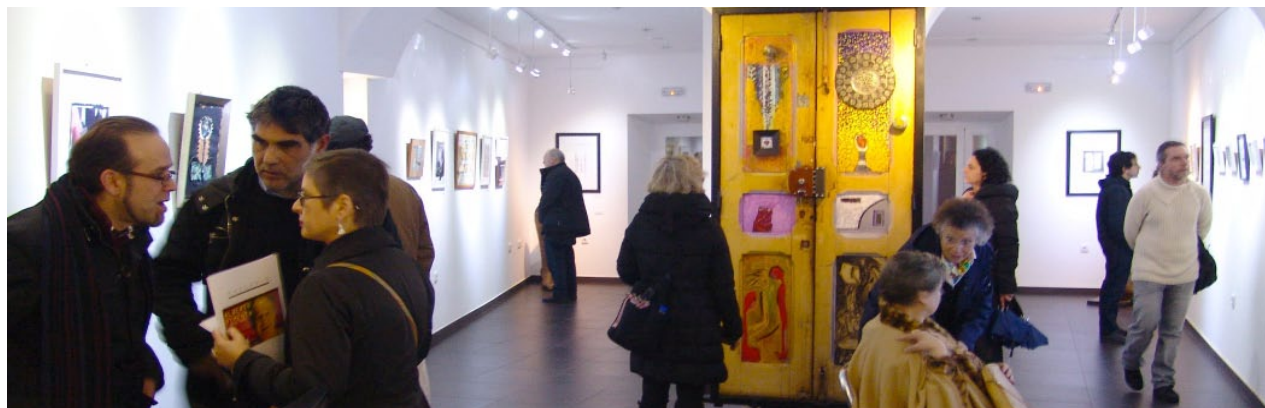


Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel, 42x29,5 cm 1990/4 - ALPOB106



"Registo de Viver" - Livro artístico com 61 páginas. Edição do poema homónimo em 200 exemplares numerados e assinados pelo autor. Inclui um filme em suporte DVD com a leitura performativa do poema realizada por Alberto Pimenta com intervenção musical da soprano Manuela Moniz, e uma serigrafia.

Este poema, que se desenrola na ilha que fica por baixo de uma auto-estrada de acesso a Miami, para onde foram proscritos vários condenados por delitos "sexuais", é dedicado a Roman Polanski.



INDIA artFAIR

30 January - 2 February, 2014
NSCI Exhibition Grounds, New Delhi



A Perve Galeria marcou presença na 6ª edição da India Art Fair que decorreu em Nova Deli, na Índia, entre os dias 30 de Janeiro e 2 de Fevereiro de 2014.

No Stand C11 do NSCI Exhibition Grounds, foram apresentadas com enorme sucesso obras de Aldo Alcota (Chile), Alfredo Benavidez Bedoya (Argentina), Carlos Zingaro, Manuel João Viera, João Garcia Miguel, Henrique Vaz Duarte e Raquel Rocha (Portugal).



O exterior da feira



Raquel Rocha e Henrique Vaz Duarte



Alfredo Benavidez Bedoya



Aldo Alcota e Manuel João Vieira



Vista geral da feira

Também na India Art Fair, no stand P9, a Perve Galeria apresentou um projeto a solo de João Garcia Miguel com pintura, vídeo e performance que despertou a atenção do público, dos media e da crítica, dando origem à constituição de uma parceria com uma importante galeria indiana, com vista à apresentação, muito em breve, de uma exposição individual deste artista em Nova Deli.



João Garcia Miguel junto às suas obras expostas, realizando performance no espaço da feira e pormenor do manto pintado que envergou durante parte da performance.



Perve Galeria - Alfama

Rua das Escolas Gerais n.º 17 e 19, 1100-218 Lisboa

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Rua das Escolas Gerais n.º 13, 1100-218 Lisboa
tel. 218822607/8 | tm. 912521450

Horário: segunda-feira a sábado das 14h às 20h
galeria@pervegaleria.eu | www.pervegaleria.eu

Parqueamento automóvel: Portas do Sol

Transportes: Metropolitano de Santa Apolónia [Linha Azul];

Elétrico 28 **Estacionamento gratuito:** Largo da Igreja de S. Vicente de Fora; Largo da Feira da Ladra [excepto 3ª feira e Sábado].



CT-35 | Março de 2014

Edição ©© Perverve Global – Lda.

Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.

Apoio - catering



Apoio



Ficha Técnica

conceito e curadoria

Carlos Cabral Nunes

design, fotografia e audiovisual

Carlos Cabral Nunes e Carlos Santos

direcção financeira e de produção

Nuno Espinho

produção, comunicação e web

Graça Rodrigues

textos

Carlos Cabral Nunes

desenvolvimento e execução gráfica

Carlos Santos

direcção artística

Colectivo Multimédia Perverve

Impressão e Copyright

Perverve Global – Lda.

ISBN: 978-989-98728-4-4

agradecimentos

Dr. Jorge Rocha Mendes, Lurdes Pinheiro, Gracinda de Sousa, Henrique Jones, Adelino do Carmo Simões, Vítor Sequeira, Aurora Nunes, Sofia Andrade, Carlos Zingaro, Manuel João Vieira, João Garcia Miguel, família Moreira Rodrigues, João António e Dolores Cabral, Vitor Rua, Ilda Castro, D.W.Arte, Eurico Gonçalves, Ana da Silva, Carlos Silva, António Cândido Franco, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles e Emilienne Paoli, Adriana e Carlos Calvet, Fernando Grade, Henrique Jones, Alberto Pimenta, Fernando Aguiar, Rui Zink, Adelina Novais, Cristina e José Manuel Vieira, Leonor Areal, César Figueiredo, e a todos os que têm ajudado este projeto a desenvolver e consolidar-se.